

## **O que, e como, as crianças desenham?**

Felipe Moreira Coutinho/felcouthoart@gmail.com/UERJ  
Maria Luisa Horisawa Machado da Silva/UERJ  
Clara Mitra Gomes Pinheiro/UERJ  
Maria Luiza de Souza Pontes/UERJ  
Gabrielly Rodrigues de Carvalho/UERJ

Eixo Temático: Processos de Ensino e aprendizagem - com ênfase na inovação tecnológica, metodológica e práticas docentes.  
Agência Financiadora: CAPES PIBID

No presente trabalho pensamos a respeito do que as crianças desenham e como desenham. Indo além, pensamos como a prática do desenho pode atuar no desenvolvimento das coordenações motoras, das habilidades com as diferentes atividades que precisamos lidar na sociedade contemporânea, incluindo a própria sala de aula e como o desenho pode atuar no desenvolvimento das capacidades de abstração, elemento fundamental para o desenvolvimento e aprimoramento da linguagem falada/escrita e da apreensão dos símbolos matemáticos. As questões com as quais nos deparamos desde o princípio foram: 1 - as crianças desenham figurativamente mesmo? 2 - por que algumas crianças param de desenhar e outras não, seria por conta da obrigatoriedade de representar o mundo como o vemos? 3 - há mesmo uma forma universal de ver o mundo, em termos de desenho? Tais questões nos indicaram os caminhos que deveríamos trilhar, nortearam e norteiam a nossa pesquisa. Enquanto lidávamos com as questões de desenho já citadas, começamos nossas atividades no Programa institucional de bolsa de iniciação à docência (PIBID) de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) 2018, na qual estamos ainda Tateando, começando, todavia, alguma experiência no âmbito da docência já nos proporcionou a possibilidade de refletirmos sobre a prática, o que corrobora com o nosso entendimento de ideia experienciada. Conhecemos uma turma de ensino fundamental de uma escola da rede pública municipal do Rio de Janeiro em uma aula de artes, estávamos iniciando as nossas atividades naquele dia e tivemos a grata surpresa de encontrá-los desenhando. A grande maioria dos desenhos retratavam a fantasia do mundo infantil, como fadas, princesas ou personagens de desenhos da televisão. Após alguns minutos de conversa, os desenhos começaram a retratar os bolsistas que as crianças mais tiveram envolvimento; elas se desenhavam ao lado dos adultos que mais gostaram. Assim os eventos seguiram e pudemos notar que aquelas crianças, entre 8 e 10 anos já estavam 'fluentes' no desenho de representação, o que quase significa não serem mais capazes de desenhar algo que não represente necessariamente alguma coisa, uma inabilidade para abstração. Vale ressaltar que essa inabilidade é nutrida e incentivada pela grande maioria dos adultos. O que pode indiciar uma poda da criatividade e imaginação das crianças, portanto, alternativas precisam ser apresentadas. Pensando os assuntos citados sob a ótica da sala de aula, que é universo inteiro em expansão, onde o ordinário faz-se extraordinário, e avaliando como podemos fomentar o desenho dentro desta, propomos o incentivo de um desenho sem a obrigatoriedade da representação do visível aos alunos, mas ao fazê-lo nos deparamos com algumas dificuldades, tais quais: pressões externas (por vezes familiares) à representação, na qual adultos querem se ver representados nos desenhos das crianças próximas e por isso fortalecem a ideia de que o único viés do desenho é a representação; pressões

mediáticas à representação (desenhos animados inclusos), onde muitas crianças sentem a necessidade de desenhar seus personagens favoritos, seja por interferências dos amigos próximos, demais professores ou familiares. Cabe também salientar que desenhar personagens não é algo necessariamente ruim, entretanto, existem os casos de crianças que não conseguem se libertar da representação, seja de personagem ou do real, na hora de desenhar e é nessa hora que os personagens tornam-se limitantes. Dentro do espectro da representação, vale ressaltar, ainda, mais duas limitações sobre o ato de desenhar, estas são: limitações “culturais” e limitações religiosas. A primeira fala da limitação gerada pela sonegação dos fatores culturais de nossa ancestralidade brasileira, exemplo: a sonegação da ancestralidade africana e indígena; que acaba por fazer com que os desenhos das crianças sejam quase sempre de personagens brancos. Para ser ter uma ideia, em um exercício na escola citada, onde o proposto era desenhar a figura da paquistanesa Malala Yousafzai, as crianças a representavam com a pele mais clara, os cabelos loiros e os olhos claros, ressaltando certo condicionamento estético; um importante detalhe é que nenhuma das crianças presente na sala era loira ou tinham olhos claros, portanto, fica evidente a necessidade, junto aos problemas destacados, de problematizar o conceito da “cor de pele” da caixa de lápis de cor nas escolas, sobretudo nas escolas públicas; a segunda dialoga com o fundamentalismo religioso com o qual lidamos no Brasil atual, onde temáticas diversas podem ser encaradas como diabólicas, desde a nossa ancestralidade africana até a abstração. Infelizmente, é comum ver pessoas tratando temas abstratos como demoníacos; fruto de uma interpretação particular da Bíblia, que diz que “deus não se mistura com as trevas”, portanto, algumas correntes tendem a entender tudo o que não é de assimilação direta como diabólico, pois a luz seria o de fácil assimilação e as trevas, tudo o que não se apreende rapidamente. Lidamos com estas questões partindo das bibliografias: “Desenhando com o lado direito do cérebro”, de Betty Edwards; “Princípios de forma e desenho”, de Wucius Wong e “Sintaxe da linguagem visual”, de Donis A. Dondis, pensando a partir dos exercícios e temáticas abordados nos livros, mas extrapolando-os. Cabe dizer que cada dia em sala de aula é um novo dia, portanto tudo faz-se novo. É no ordinário que acontece a história, como diria Certeau, e no mesmo chão, material, físico, medíocre que habita, também, o extraordinário, o avesso do medíocre: o ensino inseparável da aprendizagem.

Palavras-chave: ensino, desenho, arte, aprendizado

Referências: EDWARDS, Betty, Desenhando com o Lado Direito do cérebro; DONDIS, Donis A., Sintaxe da linguagem visual; WONG, Wucius, Princípios de forma e desenho

Este artigo foi concebido para amparar nossas pesquisas no campo das artes, mais especificamente no campo do desenho e do seu ensino-aprendizado. Ao gestá-lo, lidamos com questões práticas e teóricas; sendo a primeira a que mais nos chamou a atenção — muito embora reconheçamos haver, também, teoria na prática — e tal interesse advém de experiências pessoais com a linguagem: relações de atração e distanciamento para com o lápis e o papel.

Cada criança carrega um mundo interno de ideias e pensamentos que são fruto das suas referências, e quando encaram o lápis e papel o externalizam. A arte nesse primeiro momento da vida é a expressão do que sentem, não necessariamente do que veem, apesar de, num segundo momento, também desenharem o que veem - neste momento, o que está na televisão, na internet, nos livros, nas ruas e nas suas casas passa a ser base para seus desenhos as crianças passam a ter como acervo um mundo concreto, enquanto que o da imaginação (o abstrato), muito presente nas idades iniciais (de desenvolvimento das crianças), entretanto à medida em que crescem, muitas vezes, perdem a liberdade de imaginar no papel e ficam presas à “perfeição” da representação e do desenho naturalista, há que se repensar isso, pois, dando autonomia ao aluno sobre seus desenhos, o ato de desenhar torna-se mais prazeroso. Atividades que incentivam as crianças a expor o que quiserem, e como quiserem, impulsionam-as a desenharem mais, mantendo-as mais concentradas no que estão fazendo, portanto, torna o aprendizado mais gratificante. Além disso, arte não se torna cansativa, por outro lado torna-se libertadora e intrigante: não tendo barreiras e regras rígidas os alunos se sentem à vontade para expressar os seus próprios mundos. É importante manter esse entusiasmo e a independência artística para não haver futuras rejeições sobre o ato de desenhar.

O mundo externo já dita muitas regras que põem o indivíduo em obrigadoriedades, por exemplo, existem as provas escolares, que exigem a resposta certa, e se não acerta, conseqüentemente erra, causando muitas vezes frustrações. Há uma obrigação inexorável para com as metas, que não deveria fazer parte da vida da criança, quanto menos de seu imaginário.

Na arte não há certo ou errado e isso é estranhamente libertador. Para muitos se desprender das regras é difícil; para outros é o melhor jeito. Impor regras, o conceito de belo, a perfeição na arte fazem muitas crianças, principalmente adolescentes abandoná-la por ficarem insatisfeitas com os resultados achando que não são bons o suficiente, os distanciando do fazer artístico, talvez para sempre. Fica aqui um contraponto: regras são importantes em muitos aspectos, inclusive no próprio desenho, mas não no momento em que estamos desenvolvendo as capacidades motoras e imaginativas dos alunos em sala de aula.

Os rabiscos de qualquer [...] criança indicam claramente quão absorvida ela está na sensação de mover a mão e o creiom [...] sobre uma superfície, deixando atrás uma linha. HILL, Edward, The Language of Drawing.

Entender o que e como as crianças desenhavam se tornou o foco da nossa pesquisa pois é importantíssimo para a compreensão de quem são as crianças, quem são os alunos, suas bagagens, o que trazem para a sala de aula e como construirão seus futuros e o papel da arte neles. É importante para manter viva a liberdade de expressão e o entusiasmo no estudo das artes, valorizando o que é ensinado em sala de aula e fazendo os alunos levarem seus aprendizados sobre a arte para além da sala de aula. Desenvolvida pela representação, a arte figurativa, ou figurativismo, funciona de forma a transpassar os elementos da memória para o papel, como os elementos da natureza, a figura humana e também os objetos criados pelo homem.

Como ponto de partida, a arte figurativa usa da observação e memória como principais elementos para a realização do desenho.

Desenhar para a criança tem como início uma ação mimética, quando ao ver um adulto escrevendo ou até mesmo desenhando, toma aquela ação e tenta reproduzir por si só. O simples fato de produzir um risco sobre uma superfície através de um movimento é uma das primeiras experiências sensoriais que conectam as crianças ao mundo da representação. É nessa fase que também irão entrar em contato com diversos materiais e superfícies, como móveis e paredes, assim o desenho vai se desenvolvendo pela observação da sua própria ação.

Passada a fase de descoberta, a criança sente a necessidade de registrar coisas de seu mundo, seja ele real ou imaginário, mas sempre seguindo o caminho da representação. Desenhar para elas é um meio de lidar com a realidade que a cerca, retratando as situações que mais lhe interessam.

Mais cedo ou mais tarde, todos os pequenos se interessam em registrar no papel algo que seja reconhecido pelos outros. No começo, é comum observar o que se convencionou chamar de boneco girino, uma primeira figura humana constituída por um círculo de onde sai um traço representando o tronco, dois riscos para os braços e outros dois para as pernas. Depois, essa figura incorpora cada vez mais detalhes, conforme a criança refine seu esquema corporal e ganhe repertório imagético ao ver desenhos de sua cultura e dos próprios colegas. (GURGEL 2009)

No entanto, nas primeiras séries do ensino fundamental, é possível reconhecer uma grande dispersão da prática do desenho infantil, esse recuo leva, mais tarde, ao total abandono do desenho. É preciso considerar que a maioria dos profissionais de educação que trabalham com o processo criativo também não desenhavam. Dessa forma, como seria dado o estímulo para que as crianças continuassem desenhando?

Não é possível perceber a Arte como área de conhecimento sem este mergulho por parte dos profissionais na experimentação, no fazer e na pesquisa dos processos artísticos adequados a cada faixa etária, paralelamente à ampliação de seus conhecimentos da história da arte e da fruição de obras de arte. (LACERDA, 2012, p.4)

É portanto contraditório que as crianças continuem desenvolvendo as habilidades para desenhar quando frequentam ambientes onde nenhum adulto desenha ou o desenho é uma prática desvalorizada do contexto social e familiar. A necessidade de ter um resultado esteticamente dito como melhor, é mais um fator de desestímulo, a criança evita expor suas criações por medo de um julgamento e isso ocorre principalmente a partir do momento em que começam a trabalhar com a autocrítica no desenho figurativo. Outro fator de extrema relevância é o abandono das atividades práticas feitas em aulas, passando a ser visto como menos relevante pelos profissionais, pois grande parte da motricidade já foi desenvolvida nos primeiros anos escolares.

De uma maneira geral, muitas das possibilidades gestuais se perdem pela infância e adolescência, como um atrofiamento da inteligência expressiva em resposta à supervalorização do desenvolvimento dos gestos pequenos e racionais. Além de tudo isso, mesmo para os fortes que se sustentam interessados na brincadeira de produzir desenhos, segue uma batalha contra a doutrinação estética ocidental. O desafio é a criatividade individual conseguir vencer, transcendendo os limites impostos por conceitos como beleza e moral.

A sala de aula destinada à prática artística deveria portanto ser um espaço dedicado à enfrentar essa demanda atual, através de um mediador, auxiliando os alunos nesse processo de libertação para uma produção cada vez mais livre.

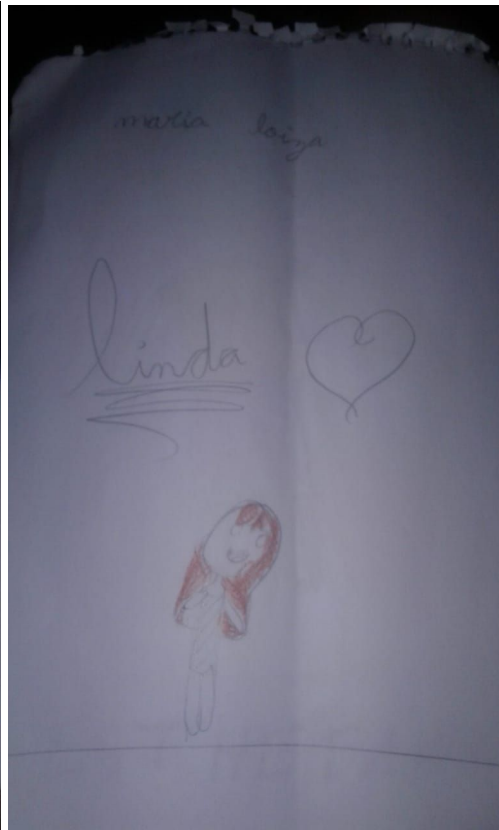
Concluimos, então, que o desenho infantil não passa exclusivamente pela representação, isto acontece por conta de múltiplas pressões externas, que desde as familiares até as da grande mídia, mas pelo contrário: muitos desenhos infantis são abstratos, e é bom que o sejam.

Há, também, uma característica que notamos em nossas experiências em sala de aula: a representação da pele como sendo exclusivamente branca. Muitos alunos, ainda negros, desenharam os personagens apenas com a pele branca. Há, na caixa do lápis de cor, uma cor, o amarelo ocre, que é determinado como “cor de pele”. Tal definição de pele não contempla as múltiplas tonalidades presentes no Brasil. Abre-se aqui mais um canal de pesquisa que pretendemos começar em breve, após as nossas conclusões sobre o tema desenho.

Percebemos também que o desenho com exponencial potência no que tange à liberdade que nos é tolhida do corpo. Enquanto desenhamos, sobretudo no papel, com lápis ou pincel, o corpo trabalha, diferentemente do desenho feito virtualmente, que acontece quase que exclusivamente na cabeça, não no corpo. Reforça-se portanto a “atualidade” dos métodos analógicos de desenho, que, ao que tudo indica, permanecerão conosco em sala de aula por tempo indeterminado.

É importante também trazer à tona o papel do professor como mediador de saberes de forma ampla e suave e também a função dos materiais e ferramentas como agentes colaborativos na “libertação” do imaginário da criança. Proporcionando a elas a coragem necessária para se expressarem sem medo do olhar de julgamento de um adulto ou até mesmo outra criança. De forma que a quebra desses paradigmas se proceda de forma sustentável atingindo não somente a criança de forma direta, mas também de forma indireta aqueles que com ela convivem.

Usemos papel, usemos tinta, desenhemos, descubramos, assim, os potenciais dos nossos alunos, pois não há nada mais recompensador na atividade docente: ensino-aprendizagem.



(Desenhos das crianças do quarto ano do ensino fundamental que visitamos)



(Desenhos das crianças do quarto ano do ensino fundamental que visitamos)

## Referências

GURGEL, Thaís. O desenho e o desenvolvimento das crianças, Artigo Nova Escola 2009

<https://novaescola.org.br/conteudo/121/o-desenho-e-o-desenvolvimento-das-criancas>

LACERDA, Aroldo Dias. Por que as crianças param de desenhar quando vão para a escola?, Artigo UFMG 2002

EDWARDS, Betty, Desenhando com o Lado Direito do cérebro

DONDIS, Donis A., Sintaxe da linguagem visual

WONG, Wucius, Princípios de forma e desenho